

1 Carlos Augusto Magalhaes¹

2 ¹ Universidade do Estado da Bahia

3 *Received: 13 December 2018 Accepted: 4 January 2019 Published: 15 January 2019*

4

5 **Abstract**

6 The objective of this article is to discuss sociocultural and existential aspects of migration in
7 the representations ?Diaspora?, ?Iracema voou? and ?Gringuinho.? Living in the original
8 territory line up as time goes by. This perception is shown through the incorporation of
9 practices and culture in the hometown. Therefore, topographic relationships are established.
10 The experiences imprint the feeling of the time lived by, all of this acting upon the
11 construction and maintenance of individual and cultural identities which should go hand in
12 hand with the national identity. The article also intends to notice the interactions of the
13 migrant with the present timespace, and in this sense, take into consideration not only the
14 concept of ?new nomads? (HOFFMAN, 1999), but also the senses of the notion of topology.
15 The topological space-time which presents itself and challenges the new immigrants is not only
16 the local-stop moment and shelter of weird displacement, but also, and mainly, the
17 solo-instant in which other subjectivities assimilate and embody other identities, or no, and
18 affective references.

19

20 **Index terms**— migration. hometown. new nomads. topography. topology.
21 existenciais das migrâncias nas representações "Diáspora", "Iracema voou" e "Gringuinho". As vivências no
22 território de origem se alinham com o decurso do tempo, percepção que se esboça a partir da incorporação
23 das práticas e culturas na terra natal. Estabelecem-se as relações topográficas. As experiências sedimentadas
24 imprimem o sentimento de amadurecimento e do transcurso do tempo vivido, tudo atuando na construção e
25 manutenção das identidades individual e cultural, as quais se irmanariam com a identidadenacional. O artigo
26 busca observar também as interações do migrante com o tempo-espaco na atualidade e, nesse sentido, levam-se
27 em consideração não somente o conceito de "novos nômades" (HOFFMAN, 1999) como também os sentidos da
28 noção de topologia. O espaço-tempo topológico que se apresenta e desafia os novos imigrantes é não só o local-
29 momento de parada e de abrigo dos inusitados deslocamentos, mas também, e principalmente, o soloinstante
30 em que se assimilariam e se corporificariam, outros desenhos de subjetividade, outras feições identitárias, outras
31 referências afetivas.

32 Palavras-chave: migrações. terra natal. novos nômades. topografia. topologia.

33 **1 I. Palavra Cantada, Nomadismo, Terra Natal**

34 Onde está Meu irmão sem irmã O meu filho sem paz Minha mãe sem avô Dando a mão pra ninguém Sem lugar pra
35 ficar Os meninos sem pais ??...] (Os Tribalistas. "Diáspora") Iracema voou Para a América Leva roupa de lá E
36 anda lèpida Vê um filme de quando em vez Não domina o idioma inglês Lava chão numa casa de chá ??...] (Chico
37 Buarque. "Iracema voou"). Observando as informações mais remotas sobre a trajetória da humanidade, constata-
38 se que os movimentos migratórios e suas recriações ocupam significativos e indeléveis espaços e registros. Se nos
39 detivermos no mundo ocidental, veremos que, lado a lado com a própria história, as representações comparecem
40 recriando peripécias, trânsitos

41 Author: e-mail: carlosmagal@terra.com.br geográficos, viagens aventureiras e, ao sabor do acaso ou nem tanto,
42 êxodos, deslocamentos coletivos ou individuais motivados por propósitos, objetivos e desejos de natureza diversa.
43 Tudo se apresenta como resultado de impulsos desencadeadores de enfrentamentos do desconhecido. Já o Livro do
44 Gênesis, importante parte da Bíblia Sagrada, anota a emigração de Adão e Eva do Paraíso, do Jardim do Éden,
45 movimento que põe a dupla em contato efetivo com a vida terrena e com os desafios, sobressaltos e surpresas da

46 imigração e do mundo estrangeiro. As migrações são experiências universais e se fazem presentes na trajetória
47 humana, como no ciclo de vida dos animais, comparecendo, desde sempre, na história de ambos.

48 As canções "Diáspora" e "Iracema voou" e o conto "Gringuinho" apresentam-se como representações cujos
49 aspectos tempo-espaciais ilustram certas agruras do mundo moderno e contemporâneo, em termos dos complexos
50 e densos deslocamentos migratórios que, em especial, o Ocidente vivencia, intensamente, desde a metade do século
51 XX até os dias da centúria atual.

52 No tempo-espacó contemporâneo, certas viagens diáspóricas -a chamada "crise migratória" têm-se apresentado
53 como transmigrações populacionais que se utilizam, principalmente, das águas mediterrâneas em que se vivenciam
54 aspectos de precariedade, risco, insalubridade, medo, em última análise, enfrentam-se situações de extrema
55 desumanidade. Além da humilhação e da indignidade, por conta, inclusive, das precariedades generalizadas que
56 ali se vivenciam, ganha expressão também o componente simbólico. Trata-se do sentido da perda do contato com
57 o tempo-espacó de base, de origem. Desenha-se o afastamento da própria topografia na qual as histórias pessoal
58 e coletiva se articulam com as experiências diuturnas que fazem florescer a cultura e o amor à Pátria -o arraigar
59 do nacionalismo. Distanciarse desse universo topográfico também pode se constituir como razão de sofrimentos
60 que costumam se manifestar em sujeitos que padecem de nostalgia, saudade, melancolia e solidão, ante processos
61 de desmontes por conta da emigração.

62 As carências acima ilustradas ganham corpo a despeito das contradições reinantes, em termos de a
63 contemporaneidade viver, como nunca, as benesses da globalização e do progresso tecnológico, os quais se tornam
64 disponíveis principalmente para outras camadas populacionais -os ancorados economicamente, os centrados,
65 fixados, como também para aqueles que desfrutam da segurança do lugar e cultura que lhes são familiares.
66 Equilíbrio, conforto, bem-estar, privilégios se veem crescentemente ameaçados no cotidiano dessas classes sociais
67 em todo o mundo. As reflexões de Zygmunt Bauman (2017, p. 20-21) alimentam a discussão desse impasse: Não
68 se pode deixar de notar que o súbito e copioso aparecimento de estranhos em nossas ruas não foi causado por nós
69 nem está sob nosso controle. [...] Eles são personificações do colapso da ordem (o que quer que consideremos a
70 "ordem": um estado de coisas em que as relações entre causas e efeitos são estáveis e, portanto, compreensíveis
71 e previsíveis, permitindo aos que fazem parte dela saber como proceder), de uma ordem que perdeu sua força
72 impositiva. [...] [Esses deslocados] nos tornam conscientes e nos lembram daquilo que preferiríamos nos esquecer
73 ou, melhor ainda, fazer de conta que não existe [...] Esses nômades -não por escolha, mas por veredito de um
74 destino cruel -nos lembram, de modo irritante, exasperante e aterrador, a (incurável?) vulnerabilidade de nossa
75 própria posição e a endêmica fragilidade de nosso bem-estar arduamente conquistado. (Grifos do autor).

76 A canção "Diáspora" aborda as penúrias dos variados imigrantes contemporâneos, que desesperadamente
77 abandonam seus países de origem em busca de melhores condições de vida. As imagens midiáticas expõem,
78 cotidianamente, levas de deslocados da América Central que, a pé, atravessam quilômetros e quilômetros até
79 os limites do México com os Estados Unidos. Eles são detidos nessas fronteiras, e, na maioria das vezes,
80 não conseguem atravessar tais demarcações para chegar ao Eldorado americano. O texto musical focaliza,
81 principalmente, os refugiados que conseguem sobreviver à passagem pelo mar nos frágeis e inseguros botes
82 e que ancoram nos "center shoppings" da Itália, Turquia, Grécia. Trata-se de deficitários alojamentos dos
83 portos onde as humilhações continuam, provavelmente até de modo mais exacerbado. A inversão do conhecido
84 shopping center -talvez queira, ironicamente, ilustrar a gritante diferença entre esses refugiados e as
85 multidões de classes média e média alta que acorrem àqueles selecionados transatlânticos, solidamente ancorados
86 nas cidades -os confortáveis e elegantes estabelecimentos de comércio, serviços e lazer. São conglomerados
87 requintados, assépticos, seguros, mas artificiais, todos muito semelhantes, isolados e distanciados do universo
88 urbano em geral e que navegam alheiamente aos infortúnios vivenciados fora dali. Trata-se de uma cidade sem
89 história e sem identidade, inserida na urbe real que, ao longo de sua trajetória no tempo-espacó, constrói as
90 próprias feições e jeitos inigualáveis de ser e de estar.

91 A outra multidão está plantada em locais indignos, como pobres barcos atracados na desconfortável maré das
92 zonas precárias da urbe real, a qual é construída pelas mãos do tempo e permite a ancoragem desses apinhados
93 e entulhados "center shoppings". Aí se escondem os desvalidos e marginalizados do mundo contemporâneo.
94 Focaliza-se, desse modo, o território dos expatriados, anônimos e massificados, mergulhados na baixa autoestima
95 e expostos à indiferença e à insensibilidade generalizadas. Reforçam-se sentidos de rejeição, de sobra, de resto,
96 leitura de certa forma possibilitada pelas reconfigurações geográficas e econômico-sociais lideradas também pelos
97 ditames do capitalismo. Tais alojamentos e seus ocupantes são remetidos à condição de refugo da globalização.

98 Convém observar que nem todo movimento migratório atual se irmana com os percalços e desditas das
99 transmigrações identificadas com a "crise migratória", deslocamentos tematizados e caracterizados por Bauman
100 e pela canção "Diáspora" e, de certa forma, também em "Iracema voou", de Chico Buarque. Anteriormente,
101 falamos sobre a noção de topografia, em termos da relação afetivo-cultural do cidadão com o espaço de berço
102 -a terra natal. Em outra direção, o sujeito em trânsito pode estabelecer contatos com um espaço topológico, o
103 que vale dizer que, nessa nova relação de nomadismo, ao contrário do esmaecimento dos vínculos articulados na
104 interação de origem, podem se apresentar laços com intuições diferenciados. Os laços topológicos passam a se
105 estruturar e a se corporificar sobretudo a partir "de conjuntos que se expressam pelo sentido de continuidade"
106 ("analysis situs"), (AULETE, 1968, p. 3997). Como se verá, expõem-se sujeitos que, ao experimentar outras
107 geografias, buscam a si e a própria essência para adaptar-se, reconstruir-se, refazer-se e edificar novos territórios
108 sociais, econômicos, políticos, existenciais.

109 Esboçam-se conexões regidas pelo princípio de agregação de elementos tidos, a princípio, como díspares. Nesse
110 sentido, tal movimento migratório não se identificaria, por inteiro, com os propósitos da solidariedade possibilitada
111 pelo grande guarda-chuva imaginado pelos sentidos do Estado Nacional. Aqui, afirma-se e solidifica-se o caráter
112 congregante das alianças criadas pelas mobilidades de que resultam assimilações e mesclas de outra natureza.
113 Nesses sujeitos, incorporam-se componentes pragmáticos e avanços psicológicos e existenciais que representam
114 certo tipo de êxito, outra recompensa.

115 Se é a globalização que, de certa forma, cria os refugos, os refugiados e os expatriados, é ela também que constrói
116 esses elos e tais cidadãos em trânsito. Vale dizer que os desejos desses imigrantes buscam frutos desafiadores
117 e que demandam muita determinação. Daperturbância ante os intuições, resultam também o estabelecimento de
118 novas ligas sociais e a construção de alteridades que instauram exercícios de desbloqueio e de desembarço.

119 Vivem-se, diuturnamente, experiências que se sedimentam nas interações com geografias e tempos inusitados.
120 É nesse universo que se colocam e conquistam situações positivas os "novos nômades", descritos, caracterizados
121 e tematizados também por Eva Hoffman, no texto "The new nomads" (1999, p. 42). Afirma a teórica: Nos
122 anos recentes, na Europa mais marcadamente, grandes mudanças técnicas no panorama político e social têm
123 tomado lugar, que eu penso estarem afetando bastante a noção de exílio -e de terra natal. Porque hoje que está
124 acontecendo é que o movimento transcultural tem se tornado até certo ponto mais norma do que exceção que
125 por sua vez significa que deixar o país natal não é simplesmente tão dramático ou traumático como isto costuma
126 ser. 1 Mas tampouco eles são impotentes vítimas da globalização. Em vez disso, eles são pessoas com estatura
127 e intencionalidade, a manipular o sistema. Homens jovens, espertos, escolhem diferentes países pelas oportunidades
128 vantagens econômicas que oferecem -melhores salários, melhores taxas de juros. Quase todos retornam um pouco
129 mais ricos e um pouco mais importantes aos olhos dos conterrâneos. Suas migrações são despojadas de tragédia
130 se não de adversidade.

131 (Tradução nossa).

132 Essas mudanças resultam da globalização, do mercado, das novas políticas internacionais que, de certa maneira,
133 passam a estabelecer as fronteiras e fazem com que certos imigrantes não experimentem tanta nostalgia diante do
134 distanciamento da terra natal. Não se perca de vista que a ideia de "nação" é fundamental na construção não só
135 da independência das colônias como também na estruturação e consistência dos países ocidentais, especialmente
136 na América Latina. Os novos deslocados, ao contrário, preferem aderir, é lógico que não de modo irreversível,
137 à "memória internacional popular" (ORTIZ, 2003, p.138-145), base de uma "cultura mundializada", fomentada
138 também pela tecnologia de ponta, pela publicidade, pelos meios de comunicação de massa e pelos padrões
139 econômico-culturais da contemporaneidade. Esses componentes, de certo modo, atribuem posições exponenciais
140 ao mercado e ao consumo como novos delimitadores da cartografia, em suma, dos traçados geoeconômico-políticos
141 do mundo atual.

142 Esses esboços relativizam, por certo, a ideia de terra natal e de tudo que com ela se relaciona. Ganham espaço,
143 igualmente, movimentos transculturais, e a categoriae a noção de Estado Moderno passam a se flagrar e a se ver
144 a reboque e sob os códigos internacionais e impessoais das trocas políticoeconômicas globalizadas. Em relação
145 a esses imigrantes, pode-se afirmar que eles resolvem se valer das regras do sistema e buscam se beneficiar das
146 convenções vigentes: "But in recent years, in Europe most markedly, great tectonic shifts in the political and
147 social landscape have taken place, which I think are affecting the very notion of exile -and of home. For what is
148 happening today is that cross-cultural movement has become the norm rather than the exception, which in turn
149 means that leaving one's native country is simply not as dramatic or traumatic as it used to be. " 2 "But neither
150 are they powerless victims of globalization. Instead, they are people with agency and intentionality, playing the
151 system. Smart young men choose different countries for the timely economic advantages they offer -better wages,
152 better interest rates. Almost all go back, a bit richer and a bit more important in the eyes of their fellow villagers.
153 Theirs are migrations divested of tragedy if not of adversity". seria o Estado brasileiro do qual a jovem procede,
154 guarda relação com Iracema, "a virgem dos lábios de mel" e título do romance indianista de José de Alencar. Essa
155 narrativa é tida como um símbolo da formação do país e povo brasileiros. Na historiografia literária brasileira,
156 há alusão ao mito criado por aquele escritor romântico, no que concerne à junção da índia tabajara do Ceará
157 com o português Martin, cujo filho Moacir ilustra a origem mesclada da terra e povo brasileiros. A Iracema de
158 Chico Buarque está atenta ao mundo atual e não nutre obstinações no referente a ter de alimentar um amor
159 incondicional e ilimitado ao Ceará natal. Como assinala Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2000, p. 99), Iracema
160 atravessará, por si mesma, as fronteiras e não sucumbirá ao desenraizamento. Entendeu que, no jogo da vida
161 contemporânea, as regras não param de mudar e é preciso viver cada dia de uma vez, assumindo identidades
162 descartáveis. Seu sacrifício, então, não será a imolação no altar da identidade nacional. Será de outra ordem, se
163 realizará em nome de um projeto individual.

164 Essa Iracema sabe dos riscos que corre como imigrante clandestina e ilegal, que trabalha como faxineira numa
165 casa de chá nos Estados Unidos. Talvez receba salários bem abaixo do que deveria perceber, caso estivesse com
166 a própria situação regularizada, bem como se dominasse o inglês, idioma do país para onde migrou e língua
167 oficial da globalização. Ela acalenta o sonho de ser cantora lírica, mas, acima de tudo, talvez, queira fazer certa
168 base econômica e carrega a convicção de que não conseguiria seu intento se não deixasse o Ceará e partisse ao
169 encalço de seu propósito. Transforma-se na Iracema da América. Não só a relação com o espaço sofre alterações
170 substanciais, na verdade, também as interações com a categoria do tempo experimentam significativos processos
171 de adaptação. A ensaísta aqui evocada afirma:

3 II. PALAVRA NARRADA, LEMBRANÇAS NOSTÁLGICAS, INOVAÇÕES ROMANESCAS

172 Porém hoje, pelo menos dentro do enquadramento da teoria da pós-modernidade, nós temos como avaliar
173 exatamente aquelas qualidades de experiência que o exílio demanda. [...] O que está em jogo é não somente, ou
174 nem sequer em primeiro lugar o exílio atual, mas nosso preferido posicionamento psíquico, por assim dizer, para
175 nos situarmos no mundo. [...] Nós sabemos que vivemos numa aldeia global, embora a aldeia seja mais virtual de
176 fato -uma aldeia dependente não de localização no solo, mas do que alguns teóricos chamam de desterritorialização
177 -, isto é, o distanciamento de conhecimento, ações, informações, e da identidade de lugar específico ou de origem
178 física. Nós nos tornamos menos ligados ao espaço, se não ainda mais livres do tempo. 3 3 p. 44: "But today, at
179 least within the framework of posmodern theory, we have come to value exactly those qualities of experience
180 that exile demands. [...]; p. 44-45: "what at stake is not only, or not even primarily, actual exile but our
181 preferred psychic positioning, so to ??HOFFMAN, 1999, p. 44; ??4-45; ??4)

182 2 . (Tradução nossa).

183 A princípio, observa-se que o deslocar-se do sujeito no espaço se irmanaria com uma sensação de desarrumação
184 de si, uma vez que se instauraria um sentimento de desestruturação dos elementos garantidores da segurança
185 disponibilizada pela identidade e pelas relações com o lugar de berço. Tempo e espaço são indissociáveis.
186 Assim, a vivência no território de origem se alinha com o decurso do tempo, percepção que se esboça a partir
187 da incorporação das práticas e culturas experienciadas no solo primeiro. Essas experiências bem assimiladas
188 imprimem o sentimento de amadurecimento e do transcurso do tempo vivido, tudo atuando na construção e
189 manutenção das identidades individual e cultural que se apresentariam como parte do todocultura e identidade
190 nacionais. Charles Melman (1992, p. 28) observa que "[...] o lugar da nação é susceptível de desempenhar um
191 papel importante, não negligenciável na subjetividade de cada um". Assim, a imigração, de início, executaria um
192 processo de revolvimento e de desestabilização dos componentes fundamentais da identidade do sujeito -tempo,
193 espaço e língua.

194 O desafio que se coloca busca incidir no plano da instauração de novas relações identitárias, ao propor que o
195 sujeito estabeleça outros vínculos espaço-temporais bem como o domínio do idioma do país que o recepciona, no que
196 se refere às nuances da língua falada em termos, inclusive, de gírias. As densas transformações que as categorias
197 do tempo e do espaço têm sofrido -encurtamento de distâncias por conta dos veículos de comunicação e dos
198 sofisticados e eficientes meios de transporte, novos desenhos cartográficos do mundo, ou seja, configuração de um
199 novo mapa-múndi, esboçado pelas relações sóciopolítico-econômicas regidas por leis internacionais, compressão
200 do tempo físico, sentimento de vivência de um presente continuado, alongado, experimentado sem percepções
201 nítidas de entrosamento com o passado e com expectativas de futuro, simultaneidade entre o acontecimento
202 e a divulgação de imagens a ele relacionadas, entre outros aspectos,-demandam atitudes e "posicionamentos
203 psíquicos, por assim dizer, para nos situarmos no mundo" (HOFFMAN, 1999, p. 45).

204 Eugène Enriquez (1998, p. 46) ponderano sentido de que como determinados imigrantes "não mais desejam
205 estar na situação de minoria, vão partir para a conquista de lugares nos quais poderão demonstrar sua
206 competência. [...] Essa ultrapassagem speak, how we situate ourselves in the world. [...]"; p. 44: "We know
207 that we live in a global village, although the village is very virtual indeed -a village dependent not on locality
208 or the soil but on what some theorists call deterritorialization -that is, the detachment of knowledge, action,
209 information, and identity from specific place or physical source. We have become less space-bound, if not free
210 of time". só pode se operar pelo domínio do saber". No entanto, não se pode perder de vista que, a despeito
211 de as questões pragmáticas ocuparem importantes espaços nas preocupações do imigrante, esse indivíduo deve
212 ser olhado também como um cidadão que está distanciado de seu idioma, de seus afetos e de outras importantes
213 referências de cunho subjetivo. Como observa Charles Melman (1992, orelha do livro), trata-se de [...] um sujeito
214 que se desloca na estrutura, deixando para trás sua filiação e sua língua materna e buscando um lugar onde
215 procura fundar uma outra família, uma outra ordem. [Há que se indagar] sobre a natureza dessa subjetividade,
216 ou seja, de que sujeito se trata quando há ruptura tão radical face aos antepassados em relação aos quais se está
217 constantemente referido e em relação a quem a subjetividade se constitui.

218 Em suma, as representações contemporâneas buscam investir nas sutilezas vocabulares, imagéticas, nos
219 arranjos verbais e narrativos e, sobretudo, nas cativantes temáticas com que se realiza o mergulho nos universos
220 recônditos dos personagens e dos movimentos migratórios. Contardo ??alligaris (1992, p. 11-12), afirma que "por
221 não ser individual, mas aparentemente coletivo ou efeito de vivências coletivas, [o fenômeno migratório] não afeta
222 menos o que há de mais singular em cada um".

223 3 II. palavra narrada, lembranças nostálgicas, inovações romanescas

225 O autor do conto "Gringuinho", como imigrante, não repete a situação-clichê do escritor deslocado que,
226 logicamente, domina a língua de origem e se defronta e se choca ante o idioma estrangeiro. Samuel Rawet veio
227 criança para o Brasil, aqui chegando em 1936, juntamente com a família polonesajudia, entrando em contato desde
228 já com a língua portuguesa. Esses migrantes instalaram-se no subúrbio carioca, em cujas ruas o garoto aprende "a
229 língua falada do povo", o que "vinha da boca do povo na língua errada do povo / Língua certa do povo / Porque
230 ele é que fala gostoso o português do Brasil" (BANDEIRA, 1988, p. 106). O préadolescente familiarizara-se,
231 inclusive, com a gíria, em última análise, convivera com variações linguísticas que tanto o enriqueceram, conforme

232 o próprio depoimento. Eles cruzam o Atlântico de navio em busca de melhores condições de vida na América. A
233 família deseja também se distanciar das perseguições nazistas ao povo judeu, as quais já se faziam presentes no
234 Velho Mundo, principalmente no Leste Europeu. Na trajetória de Rawet, observa-se que ele se naturaliza como
235 brasileiro, gradua-se em Engenharia Civil, atua como engenheiro calculista no planejamento dos prédios públicos
236 iniciais de Brasília. A primeira produção literária, *Contos do imigrante*, é publicada em 1956, quando ele tinha
237 27 anos de idade. Samuel Rawet seria o imigrante que incorporara elementos inerentes à relação topológica, no
238 que concerne, especialmente, ao domínio da língua do país que o acolhe, quadro bem distanciado do protagonista
239 da narrativa em estudo, como se verá.

240 O conto "Griguinho", integrante da publicação inicial, traz no título um diminutivo, variação nominal que
241 assume importantes papéis na língua portuguesa, uma vez que se apresenta como inquestionável recurso de
242 expressividade. Os diminutivos confirmam e reforçam a pluralidade imagística da língua, pois sua presença,
243 que pode ser vista, a princípio, como despretensiosa, costuma realçar aspectos de pequenez, de desfaçatez de
244 significações negativas e até pejorativas, ironias mordazes e agressivas, ambiguidades sutis, mas também carinho,
245 afetividade, compaixão, entre outros sentidos. Luís Fernando Veríssimo, em "Diminutivos" (2019) crônica
246 contagiente e bem humorada, destaca os sentidos subentendidos e as dubiedades desse grau do substantivo e
247 do adjetivo. O cronista lembra que outras línguas -francês, italiano, espanhol falado no México -igualmente se
248 valem desse farto manancial que carregam no próprio bojo. A crônica reforça o poder da palavra e, principalmente,
249 as enriquecedoras matizações da linguagem humana em geral.

250 O título da narrativa estampa, desde já, o caráter zombeteiro e destrutivo com que o protagonista é referido
251 na escola que o recebe. O tratamento ocorre não só por ser imigrante, mas também por certa estranheza com
252 que ele se apresenta, talvez por conta de sua profunda nostalgia, como será discutido. A palavra gringo costuma
253 ser usada como referência ao estrangeiro, principalmente, o europeu e o americano, por causa da cor de suas
254 peles. Na narrativa, muito mais de que uma referência ligada à raça, o diminutivo traduz e ressalta a ironia e a
255 agressividade presentes no tratamento dispensado ao imigrante em foco. Não por acaso, esse designativo nominal
256 aparece grafado com letra minúscula e em itálico. Busca-se destacar bastante esse registro incomum na língua
257 portuguesa.

258 Como em outra narrativa da antologia -"Réquiem para um solitário" -, nem o protagonista nem os familiares
259 são identificados por intermédio de nomes próprios. Haveria, por assim dizer, certo caráter de desfazimento da
260 individualização do estrangeiro, que, olhado de modo anônimo e massificado, seria apenas um imigrante -um
261 griguinho -, não merecendo ser invocado por meio do nome próprio personalitivo. Ante toda essa situação,
262 o garoto se isola no silêncio de si mesmo e até preferiria essa saída. Julia Kristeva (1994) O protagonista do
263 conto é focalizado por meio do fluxo de consciência, mecanismo através do qual se procede à ligação entre os
264 fatos do mundo do "eu" com os fatos vivenciados na escola e em sua casa. Isso se consubstancia na narrativa
265 por intermédio de uma linguagem sincopada, fragmentada, entrecortada por referências identificadas ora com
266 o passado, ora com o presente, como será visto. Trata-se [...] de um caminho feito através da consciência,
267 cujo instrumental de percepção é acionado pela memória, sentimentos e sensações. Todos estes três criadores
268 demonstram, em realizações singulares, a necessidade de descrever a vida interior, seus problemas e a forma pela
269 qual se [faz] o trânsito entre o Eu mais profundo e a vida social. [...] Invertendo o nível da comunicação racional
270 e controlada de um personagem tomado como unidade reflexiva, abre mão da análise psicológica e penetra nos
271 domínios mais indevassados das manifestações psíquicas, na fluidez contínua das sensações, fantasias e aspirações,
272 a fim de desvendar os fatos da consciência em contato com os fatos sociais, ambos de percepção fragmentária -a
273 atomização da realidade convoca o indivíduo a valer-se de um enfoque cada vez mais subjetivo. (BRAYNER,
274 1979, p. 178; 180) (Grifos da autora).

275 A retratação do fluir da consciência, ao expor os conflitos e o sofrimento do garoto, intenta, se não desenhar
276 sua identidade, ao menos preservar sua individualidade espedaçada numa sociedade igualmente desfigurada.
277 Esse aspecto se superdimensiona quando se apontam momentos e imagens dos conflitos de um menino nostálgico,
278 solitário, isolado, inclusive no seio familiar, e entregue a dificuldades e preconceitos por ser diferente do restante
279 do grupo e um imigrante não integrado ao país onde se instala.

280 A cor de pele destoante em relação ao padrão brasileiro, que resulta da mestiçagem, e principalmente o
281 comportamento incomum em relação aos demais integrantes da classe -seu jeito arredio de ser intensificam e
282 reforçam a impaciência dos colegas e até da professora. A tudo isso, o pequeno imigrante reage com o silêncio,
283 calar-se apresenta-se como sua resposta. A mudez aumenta, sobremaneira, a intolerância dos colegas e da
284 professora, a qual exige que ele fale, que ele responda a seu questionamento. Como observa Julia Kristeva (1994,
285 p. 24), para o estrangeiro, [...] o silêncio não lhe é somente imposto, ele está em você: recusa de dizer, sono preso
286 a uma angústia que quer permanecer muda, propriedade privada de sua discrição orgulhosa e mortificada -luz
287 cortante, esse silêncio. Nada a dizer, vazio, ninguém no horizonte. [...] Nada é para ser dito, nada é dizível.

288 A irritabilidade dos colegas e da professora cresce diante da ausência de reação do pré-adolescente, atitude
289 ou não atitude, por certo, diferentes daquelas que eles teriam ante tal situação. A tolerância pode ser posta à
290 prova diante do tamanho da resistência do Outro, a qual pode me desafiar. Catarina ??oltai (1998, p. 110)
291 alerta que "não há nada mais estrangeiro para o sujeito que sua própria anterioridade. O modo como se lida
292 com a própria estrangeiridade pesa na hora de definir o outro como estrangeiro". Os alunos da escola avaliam e
293 buscam enquadrar aquele imigrante, levando em conta os padrões, valores e códigos, em suma, as normas que
294 regem seus comportamentos. No conto, o garoto fora qualificado e taxado como esquisito, diferente, a partir

3 II. PALAVRA NARRADA, LEMBRANÇAS NOSTÁLGICAS, INOVAÇÕES ROMANESCAS

295 da professora e colegas de classe, todos ancorados, amparados, regulados, pois são filhos do próprio país. Os
296 nativos visualizam como estranho aquilo que não se enquadra em seus padrões normativos e reguladores das
297 práticas sociais ali reinantes. O desapreçoa essas regras gera um desapontamento insustentável, que aumenta,
298 sobremaneira, a diferença e a estranheza com que o garoto é olhado e tratado. E mais uma consideração de
299 Catarina Koltai (1998, p. 107) merece ser realçada: "o próprio traço identificatório que faço meu acarreta uma
300 divisão entre semelhantes na medida em que exclui os não semelhantes. [...] A unidade do grupo se estrutura
301 por considerar inimigos, logo estrangeiros, os que permanecem fora do grupo."

302 O fato de Samuel Rawet ter vindo ainda criança para o Brasil faz com que o português seja não só seu idioma
303 adulto como também a língua da produção literária. Rawet, como já foi apontado, não estaria exposto à situação
304 de desconforto do imigranteescritor, dividido entre duas línguas. Certo domínio do idioma que o recepciona, com
305 cujas nuances as recriações são elaboradas, permite-lhe fazer adesões aos processos de inovação que a modernidade
306 e a contemporaneidade vêm instaurando também no campo das representações literárias.

307 Entre as transformações estéticas incorporadas pela narrativa, a linguagem ocupa uma posição importan-
308 tíssima, uma vez que "deixa de ser o meio através do qual vemos e transforma-se no que vemos" (BRAD-
309 BURY;FLETCHER, 1989, p. 324). Na narrativa contemporânea,a linguagem será sempre questionada e
310 discutida, pois, como instrumento nomeador das questões existenciais dos personagens, assumirá a feição de um
311 personagem problemático. Esse protagonista é espelho e reflexo de um mundo igualmente complexo, expresso
312 por recursos linguísticos que possibilitam e desencadeiam profundos mergulhos nos misteriosos meandros da
313 consciência, sem deixar de retratar em profundidade a vida objetiva em geral.

314 Buscando estabelecer certa adesão a aspectos inovadores, as narrativas da antologia *Contos do imigrante*
315 (RAWETT, 1998) elaborariam novas articulações entre realidade e expressão. Esboça-se a sustentação da teoria
316 de que a literatura também reflete a desconexão entre indivíduo e sociedade,aspecto que se efetiva por meio do
317 desenho da impossibilidade de conciliação entre práticas do mundo social "Gringuinho", "Diáspora", "Iracema
318 Voo: Narrated Exile, Sung Exiles Volume XIX Issue IV Version I O desalinho ser versus sociedade viria a
319 caracterizar a modernidade e contemporaneidade da obra, conforme observações de João Alexandre ??arbosa
320 (1983, p. 21 e seguintes). Segundo o teórico, já o modernismo na literatura brasileira carece ainda de uma
321 explicação essencial, levando-se em conta o que poderia ser caracterizado como moderno, ou seja, seria necessário
322 discutir que elementos instaurariam um movimento de ruptura em relação ao modelo literário oitocentista -o
323 realismo-naturalismo em que se destaca a mimese de caráter documental. Modernos, segundo Barbosa, seriam
324 aqueles textos ou autores que, mesmo anteriores ao romantismo, deixam entrever alguns dos elementos que, então,
325 passam a servir como caracterizadores de composições literárias atuais. Em última análise, afirma o ensaísta,
326 um sinal que permite que uma obra seja caracterizada e etiquetada como moderna é o modo de articulação entre
327 literatura e realidade, ou a maneira como esta inter-relação se efetivaría.

328 Há um processo desarticulador evidenciado no nível de construção, de composição e de expressão como
329 resultado do descompasso entre indivíduo e história.Em suma, o autor ou texto moderno, independentemente
330 do momento de produção, seriaaquele que leva, para o princípio da composição e da expressão, um elemento que
331 desvincula realidade e representação, praticando, assim, reformulações e rupturas com os modelos realistas e com
332 o tipo de mimese que os caracteriza.A obra moderna reflete o desconcerto entre o indivíduo e a sociedade e
333 expõe a ruptura essencial entre estas duas instâncias, ressaltando, sobretudo, a desarticulação que marca e reduz
334 o homem na história, conclui Barbosa. Evidenciam-se a incomunicabilidade e a impossibilidade de conciliação
335 entre a vida pessoal e as formas de organização do mundo. Essaincongruência se manifestaria no conflito entre
336 sujeito e objeto, em consonância com o trabalho de elaboração da linguagem, que, em última análise, a narrativa
337 elege como proposta básica de investigação e como reflexo daquele descompasso.

338 A janela lembrava-lhe a rua, onde se sentia melhor. Podia falar pouco. Ouvir. Nem provas nem arguições. O
339 apelido. Amolava-o a insistência dos moleques. Esfregou ante o espelho os olhos empapuçados. Ontem rolara na
340 vala com Caetano após discussão. Atrapalhou o jogo. O negrinho cresceu em sua frente no ímpeto de derrubá-lo.
341 Gringuinho burro! [...] A lição não a faria. Voltar à mesma escola, sabia impossível também. Por vontade, a
342 nenhuma. (RAWET, 1998, p. 48).

343 Os sintagmas nominais e as frases curtas e incisivas acima transcritas são exemplos que ilustram a construção
344 de quadros descritivos e narrativos tradutores de pensamentos identificados com a solidão, tudo se aliando para
345 compor estados emocionais do protagonista. O rompimento, o desfazimento de certa sequenciação articulada
346 do pensamento, ordenamento que se observa com mais clareza por meio das frases verbais bem estruturadas,
347 se irmana, intimamente, com a restrição à mimese de caráter documental. Principalmente na obra primeira
348 de Rawet, tal distanciamento gera certo desconforto no leitor acostumado com técnicas narrativas consagradas,
349 enredos ordenados e cativantes e personagens bem delineados psicologicamente.

350 Numa rota contrária, observam-se no texto aspectos lacunares, espedaçados, fragmentários, descontínuos,
351 construções em ordem inversa, em suma, pausas, quebras e interrupções que expõem e produzem a construção do
352 sentido de mimese em si mesma, como fruto de um jogo verbal e de um engendramento a partir da manipulação
353 da linguagem e de suas nuances. Instaura-se certo afastamento da preocupação documental e o sentido da mimese
354 se efetiva nas entrelinhas e subterrâneos do texto. Essa proposta estética também faz com que Samuel Rawet
355 seja considerado uma das referências na renovação do conto na literatura brasileira, como destaca Assis Brasil
356 (1975, p. 67):

357 A crítica tradicional, alicerçada em valores tidos como "consagrados", não encontrava em *Contos do imigrante*

358 as costumeiras indicações da elaboração técnica do gênero entre nós. E mais: alinguagem deixava também de ser
359 apenas veículo para a formalização de ideias ou "condução" de enredos, e passava a ser "personagem", passava
360 a ser parte globalizante da criação. Ou melhor, o artista passava a criar através da linguagem -os recursos
361 lingüísticos não mais estavam somente a serviço de um estilo, de um certo modo de escrever bem, e sim em
362 função do mundo a ser criado como expressão.

363 Outro aspecto narrativo adotado por Rawet pode ser olhado como uma inovação na narrativa brasileira. Trata-
364 se de um suporte que, a princípio, parece eliminar a figura do narrador. Na verdade, ele se disfarça e se oculta,
365 valendo-se do modo como as informações são transmitidas ao leitor. Há, assim, uma simulação em termos de que
366 o conhecimento seria oriundo do personagem, já que a retratação e exposição dos próprios juízos, percepções,
367 sentimentos, emoções parecem brotar de sua mente. O enunciador seleciona os acontecimentos e faz com que
368 eles se manifestem na consciência do personagem, empregando a chamada "técnica do refletor". Trata-se de
369 um mecanismo que faz com que o evento apareça refletido no fluxo do pensamento do personagem, enquanto
370 o enunciador se resguarda por meio de uma suposta postura de neutralidade. Este moderno procedimento,
371 criado por Gustave Flaubert e experimentado, inicialmente, no romance *Madame Bovary*, dota o texto de efeitos
372 convincentes, uma vez que há uma aproximação efetiva entre o leitor e o mundo interior do personagem, universo
373 exposto agora com mais veracidade. A narrativa destoa no referente aos focos narrativos conhecidos; não se
374 configura, por exemplo, a condução dos fatos e relatos sob a liderança do personagem narrador, foco de primeira
375 pessoa, como a princípio poderia parecer. Na verdade, o enunciador faz com que os acontecimentos se manifestem
376 na mente daquele personagem, valendo-se da técnica narrativa já explicitada. A consciência do protagonista
377 reflete sobre tudo e todos, colocando o leitor a par das questões, enquanto o enunciador, o verdadeiro narrador
378 e condutor dos relatos prefere se ocultar.

379 O pré-adolescente vivencia um contato significativo com o tempo-espacó da Polônia natal -"antigamente, antes
380 do navio" (RAWET, 1998, p. 48). Incluindo os protagonistas das narrativas "O profeta" e "A prece", igualmente
381 integrantes da antologia *Contos do imigrante*, Stefania Chiarelli (2007, p. 130) observa que os três personagens
382 estão "condenados à ideia de felicidade que reside no passado, [...] e buscam reatualizar, no presente, rituais que
383 remetem a um tempo em que se julgavam mais felizes e em segurança. Esse sentimento de inadaptação é a tônica
384 dos três contos". A dificuldade de adaptação do garoto estaria relacionada com o sentimento nostálgico que se
385 explicita, no caso, por meio da obstinada fixação e do lamento ante as perdas do que foi prazerosamente vivido
386 anteriormente. Não há a integração ao presente para que ocorra a necessária recomposição do eu. A centralização
387 no passado vivido na terra natal ocupa espaços superlativos, impedindo-lhe a aquiescência ao momento atual.

388 A nostalgia se irmana com a relutância em desvincular-se do espaço topográfico da Polônia natal, levando-se
389 em consideração tudo que isso significa. Não se teria instalado a necessária desterritorialização para que as
390 relações topológicas ganhassem espaço e consistência, ou seja, não se esboça o desfazimento do território anterior
391 para que se funde "uma outra família, uma outra ordem" (MELMAN, 1992, orelha do livro).

392 As noções de "melancolia" e de "nostalgia", que se interligam com a experiência temporal e com a memória
393 costumam ser empregadas como sinônimas, mas há diferenças fundamentais: "a melancolia [decorre] de uma
394 perda ideal, proveniente menos do vivido que do imaginado. É antes a saudade do que não se teve, sendo a
395 nostalgia a saudade do que se teve. Assim, a nostalgia é histórica; a melancolia é mítica" ??VIANA, 2004, p.
396 22). O sentimento nostálgico relaciona-se com uma perda identificada e caracterizada. O sujeito anteriormente
397 viveu a experiência de cuja ausência brota o atual sentimento de saudade e, às vezes, de desânimo, daí o caráter
398 histórico da nostalgia. É dessa perda não elaborada que brota as dificuldades ante o tempo-espacó atual.

399 4 III. Breve Conclusão

400 No mar de ambivalências e de tão pouca harmonia em que os imigrantes se veem, seriam necessárias a abdicação
401 da nostalgia da terra natal e a reflexão sobre a diversidade de situações com que eles se deparam, as quais
402 ultrapassam as relações topográficas vivenciadas no território de origem. A partir de um pensamento bastante
403 oportuno sobre as migrações contemporâneas e levando em conta, sobretudo, a América Latina, exatamente o
404 Peru, Cornejo-Polar (1996, p. 841) observa que sua hipótese "se fundamenta na suposição de que o discurso
405 migrante é radicalmente descentrado, enquanto se constrói em torno de eixos variados e assimétricos, de algum
406 modo incompatíveis e contraditórios de um modo não dialético" 4^{1 2}

¹© 2019 Global Journals

²"[Mi hipótesis primaria] tiene que ver con el supuesto que el discurso migrante es radicalmente descentrado, en cuanto se construye alrededor de ejes varios y assimétricos, de alguna manera incompatibles y contradictorios de um modo no dialéctico" (Grifo do autor).

identifica com o jogo passado e presente tão comum em grandes narrativas de foco narrativo de primeira pessoa. Não se trata do foco próprio de relatos em que o narrador-personagem conduz as reflexões diante dos acontecimentos que integram sua trajetória. A metamorfose existencial concederia ao protagonista a possibilidade de comentar e relatar hoje fatos com que se envolvera anteriormente. Tudo seria lido e avaliado com o olhar amadurecido pela passagem do tempo. Na duplidade temporal, segundo João Luiz Lafetá (1981, p. 209),

[...] existem representados o tempo do enunciado (os eventos que ocorreram na vida [do protagonista]) e o

Year tempo da enunciação (o momento em que se faz o relato [daqueles fatos]). A 2019 duplidade está ligada ao problema do ponto de vista narrativo. O [texto] é narrado em primeira pessoa, por um eu protagonista que, distanciado no tempo, abrange com o olhar toda

16 sua vida e procura recapitulá-la contando-a para si e para nós, leitores.

Volum& personagem principal do conto não disporia do afastamento temporal e XIX da experiência existencial que lhe permitiriam percorrer com olhar crítico a Is- própria trajetória.

sue

IV

Ver-
sion

I

(C Como foi dito, o protagonista vive a solidão que
)

- se identifica com a nostalgia diante das lembranças do passado, em comparação Global com o desalento do momento existencial de agora. Buscando fugir do quadro Jour-sufocante, na rua -espaço no qual ele vivencia certo alívio das tensões -, a nal caminho do armazém onde vai comprar as cebolas para a mãe, ele fantasia um of futuro bem diferente do seu estágio de vida atual. Imaginando-se já homem e, Hu- talvez, com poder suficiente para reverter tudo que o incomoda agora, entregam- man se ao desejo de que essa época chegue logo. Não deixa de relacionar, no entanto, So- o momento vindouro com as lembranças do passado, trechos que constituem o cial final do conto: "Quando atravessou o portão acelerou a marcha impelido pelo Sci- desejo de ser homem já. Julgava que correndo apressaria o tempo. Seus pés ence saltitavam no cimento molhado, como outrora deslizavam, com as botinas ferradas, pelo rio gelado no inverno" (RAWET, 1998, p. 51).

© 2019 Global Journals

Figure 1:

Iracema voou
Para a América
Leva roupa de lã
E anda lédida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá
Tem saído ao luar

”Iracemavoou”
(Chico Buarque
de Holanda)
Com um mímico
Ambiciona estudar
Canto lírico
Não dá mole pra polícia
Se puder, vai ficando por lá
Tem saudade do Ceará
Mas não muita
Uns dias, afoita
Me liga a cobrar
É Iracema da América

Year
2019
(C
)

”Diáspora”

Global
Jour-
nal
of
Hu-
man
So-
cial
Sci-
ence

”Acalmou a tormenta Pereceram Os
que a estes mares ontem se ar-
riscaram E vivem os que por um
amor tremeram E dos céus os desti-
nos esperaram” Atravessamos o mar
Egeu Um barco cheio de fariseus
Como os cubanos Sírios, ciganos
Como romanos sem Coliseu Atrav-
essamos pro outro lado No Rio Ver-
melho do mar sagrado Os center
shoppings superlotados De retirantes
refugiados

You

Where are you?
Where are you?
Where are you?

Onde está

(Tribalistas)

Meu irmão sem irmã O
meu filho sem pai Minha
mãe sem avó Dando a
mão pra ninguém Sem lu-
gar pra ficar Os meni-
nos sem paz Onde estás,
Meu Senhor Onde estás?
Onde estás? ”Deus! Ã?”
Deus! Onde estás que
não respondes? Em que
mundo, em qu'estrela tu
t'escondes Embuçado nos
céus?

Há dois mil anos te man-
dei meu grito
Que embalde desde então
Corre no infinito
Onde estás, Senhor
Deus?”

© 2019 Global Journals

Figure 2:

-
- 407 [Em] , />. Acesso Em . p. .
- 408 [Fletcher and Bradbury] , John ; Fletcher , Malcolm Bradbury . Malcolm: BRADBURY.
- 409 [Viana] , Chico Viana . (Francisco José Gomes Correia)
- 410 [Rawet and Gringuinho ()] , Samuel Rawet
- 411 _____ . Contos do imigrante. 2 , Gringuinho
- 412 _____ . Contos do imigrante. 2 . 1998. p. .
- 413 [Ortiz et al. ()] , Renato Ortiz , Mundialização E Cultura. São , Paulo . 2003. Brasiliense.
- 414 [Veríssimo et al. ()] , Luís Veríssimo , Fernando , Diminutivos , Nossa Mundo -Literatura , Rio De Janeiro ,
- 415 Nce/Ufrj , Em . <<http://intervox.nce.ufrj.br/~jobis/l-dimi.htm>>. Acesso em 2018. p. 25.
- 416 [Koltai (ed.) ()] *A segregação, uma questão para o analista*, Caterina Koltai . KOLTAI, Caterina (Org.). O
- 417 estrangeiro. São Paulo: Escuta: FAPESP (ed.) 1998. p. .
- 418 [Anexo: Letras de "Diáspora" e "Iracema voou] Anexo: Letras de "Diáspora" e "Iracema voou,
- 419 [Rawet ()] *Contos do imigrante. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro*, Samuel Rawet . 1998.
- 420 [Aulete] *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 2*, Caldas Aulete . (Rio de Janeiro: Delta, 1968. 5. v)
- 421 [Kristeva ()] *Estrangeiros para nós mesmos. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes*. Rio de Janeiro: Rocco,
- 422 Júlia Kristeva . 1994.
- 423 [Bauman ()] *Estranhos à nossa porta. Tradução de Carlos Alberto Medeiros*, Zygmunt Bauman . 2017. Rio de
- 424 Janeiro: Zahar.
- 425 [Bandeira ()] 'Estrela da vida inteira. 15'. Manuel Bandeira . Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- 426 [Melman ()] *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Tradução de Rosane Pereira*,
- 427 Charles Melman . 1992. São Paulo: Escuta.
- 428 [Hoffman (ed.) ()] *Letters of transit: reflections on exile, identity, language, and loss*, Eva Hoffman . ACIMAN,
- 429 André (ed.) 1999. New York: The New York Press: The New York Public Library. p. . (The new nomads)
- 430 [Mcfarlane and Org ()] 'Modernismo: Guia geral. Tradução de Denise Bottmann'. James (Mcfarlane , Org .
- 431 Companhia das Letras, (São Paulo) 1989. p. .
- 432 [Barbosa and Alexandre ()] 'O livro do seminário: 1ª. Bienal Nestlé de Literatura'. João Barbosa , Alexandre .
- 433 PROENÇA FILHO L/R Editores (ed.) 1983. p. . (A modernidade no romance)
- 434 [O rosto escuro de Narciso: ensaios sobre literatura e melancolia Melancolia: sentido e forma ()] 'O rosto es-
- 435 curo de Narciso: ensaios sobre literatura e melancolia'. *Melancolia: sentido e forma*, (Chico (Org.; João
- 436 Pessoa) 2004. p. . (Idéia)
- 437 [Lafetá and Luiz ()] 'Posfácio: O mundo à revelia'. João Lafetá , Luiz . Record RAMOS, Graciliano. São
- 438 Bernardo. 38. ed, Rio de Janeiro (ed.) 1981. p. .
- 439 [Figueiredo et al.] *Revisitando os mitos românticos da nacionalidade*, Vera Figueiredo , Lúcia Follain , De . em:
- 440 10 maio 2015. jul./dez.2000. Disponível em:<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n1_Vera.pdf>. Acesso p. . ALCEU, Rio de Janeiro
- 442 [Buarque De Holanda et al. ()] 'Rio de Janeiro: RCA Victor: BMG'. Chico Buarque De Holanda , Iracema , Vouu
- 443 . <<https://www.letras.com/chico-buarque/45137/>>. Acesso CHICO BUARQUE: As Cidades,
- 444 1998. 2019. 2 p. 20. (Letra disponível em)
- 445 [Brayner ()] 'Tradição e renovação da literatura brasileira: 1880-1920'. Sonia Brayner . *Civilização Brasileira; Brasília: INL*, (Rio de Janeiro) 1979. (Labirinto do espaço romanesco)
- 446 [Enriquez et al. ()] 'Tradução de Eliana Borges Pereira Leite'. Eugène Enriquez , Judeu Como Figura Paradig-
- 447 mática Do , Estrangeiro . Escuta: FAPESP KOLTAI, Caterina ((ed.) 1998. p. . (Org.). O estrangeiro)
- 449 [Calligaris and Apresentação ()] 'Tradução de Rosane Pereira'. Contardo Calligaris , Apresentação . MELMAN,
- 450 Charles. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*, (São Paulo) 1992. p. .
- 451 [Cornejo-Polar ()] 'Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno'. Antonio
- 452 Cornejo-Polar . *Revista Iberoamericana: Crítica Cultural y Teoría Literaria Latinoamericanas* 1996. p. . (v.
- 453 62, n. 176/177, número especial)